

## *Entubar ou Intubar?* *Subsídios para o Estudo da Padronização de um Termo Médico*

Termo próprio da língua especial dos médicos (tomado o sintagma "língua especial" em sua significação rigorosamente técnico-lingüística), essa palavra tem suscitado dúvidas quanto à sua melhor forma vernácula.

Por se tratar de dicção que não circula ordinariamente na língua corrente, ainda que culta, mas sim entre especialistas de determinado grupo profissional, compreende-se que não figure nos dicionários gerais<sup>1, 2, 3, 4, 5, 6</sup> — mesmo os mais copiosos e modernos —, nem nos vocabulários ortográficos, oficiais, ou 'oficiosos'<sup>7, 8</sup>. Causa estranheza, contudo, não aparecer averbado nas enciclopédias vindas à luz nos últimos anos<sup>9, 10, 11</sup>. Porque é da natureza das enciclopédias

compendiar a sùmula dos conhecimentos universalizados da época em que se publicam.

O único dos léxicos gerais que recolheu essas palavras — e agasalhou-as A AMBAS (é importante ressaltá-lo) — foi o recente *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*<sup>12</sup>, publicado pela Academia Brasileira de Letras em 1981, o qual tem foros de legalidade, porque elaborado com base nos decretos-leis n.º 292, de 23 de fevereiro de 1938, e n.º 5.186, de 13 de janeiro de 1943, resultantes de Convênio Diplomático entre o Governo brasileiro e o português, de acordo com protocolo firmado pelas respectivas Academias.

Note-se, porém, que este último *Vocabulário* acadêmico, sem embargo de registrar ambas as

formas (*entubar* e *intubar*), não deixa de fazer clara opção, dando como preferível a primeira delas: e isso porque consigna a outra como "variante" daquela, por meio de remissão. Como sabemos, este procedimento é uma convenção lexicográfica internacional.

Em razão desses antecedentes, o esperável seria que a solução definitiva se viesse a encontrar em obras destinadas especificadamente ao estudo da terminologia médica. Elegemos, então, uma fonte clássica (e creio que pioneira entre nós), o Dicionário de Termos Médicos<sup>1,3</sup> do Professor Pedro A. Pinto, antigo Catedrático da Faculdade Nacional de Medicina — o qual se notabilizou, em sua época, não só pela cultura profissional, senão também pelo amor aos assuntos filológicos, em que se tornou autoridade. Todavia, para desencanto nosso, esse Autor esclarece apenas indiretamente a dúvida que é objeto do presente artigo. E dissemos "apenas indiretamente", porque ele não registra, de modo expresso, os verbos *entubar* e *intubar*, embora averbe os substantivos *entubação* e *intubação*, derivados que não poderiam existir sem pressuporem a existência daqueles verbos. Acresce uma curiosidade — o velho mestre apresenta os substantivos *entubação* e *intubação* como sinônimos de *entubagem*, que, supomos, terá desaparecido de circulação. Outro critério singular: com visível incoerência, ele distingue, como cabeça de verbete, tão-só a forma *intubação* — sem embargo de haver mencionado uma e outra (*intubação* e *entubação*) no corpo de sua obra. Eis textualmente o que diz:

"*Entubagem*. Entubação. Intubação. Introdução de um tubo numa cavidade, ex. gr. no laringe, através da glote; no duodeno, pela boca." (pág. 165)

"*Intubação*. Intubagem. Entubação." (pág. 249).

Daí resulta que, segundo a opinião do Professor Pedro A. Pinto as quatro palavras — *entubagem*, *intubagem*, e *entubação* e *intubação* — possuem igual quilate vernáculo.

A primeira conclusão desta breve pesquisa, aliada à observação do que ocorre no universo profissional a que pertencemos, nos conduz a esta verdade: tal como acontece com numerosas palavras da língua portuguesa (*anidrido* e *anídrido*, *hieroglifo* e *hieróglifo*, *Oceania* e *Oceânia*, *reptil* e *réptil* etc.), ainda não está definitivamente fixada a *forma unívoca* desse termo técnico, o qual vive, no momento, uma fase de certa flutuação.

Isto não impede que se procure verificar, à luz dos princípios científicos da morfologia histórica

portuguesa, qual das duas palavras (*entubação* e *intubação*) atende melhor à estrutura e às tendências do idioma nacional.

Com apoio em parecer do Professor Rocha Lima, a quem consultamos pessoalmente, a escolha deveria recair na primeira daquelas modalidades — e isto pelas seguintes razões<sup>1,4, 15, 16</sup>.

1. o prefixo *in* de palavras portuguesas deriva de duas fontes:

- a) a preposição latina *in*, donde palavras como *incrustar*, *ingerir*, *imigrar*;
- b) o prefixo latino *in*, que indica "negação" — como em *inativo*, *indecente*, *infeliz*. Corresponde, neste caso, ao grego *an*, *a*: *anarquia*, *acéfalo*, *afonia*.

2. o prefixo *en* (com as formas *em* antes de *p* e *b*, e reduzido a *e* antes de *m*) réplica vernácula do prefixo latino *in*. Significa, EXCLUSIVAMENTE, "movimento para dentro": *enterrar*, *engarrifar*, *embarcar*, *emigrar*, *emalar*.

Ora, pelo fato de ser polissêmico em Português o prefixo *in*, isto é, ter mais de uma significação ("movimento para dentro" e "negação"), ao passo que *en* possui unicamente uma significação (a de "movimento para dentro") — a economia interna da língua portuguesa inclina para a forma ENTUBAR, com o que elimina uma duplicidade supérflua e torna mais nítida a diferenciação semântica dos prefixos.

Acrescente-se (eis outro argumento do mencionado Professor) que a grafia INTUBAR provavelmente representará um caso de *influência da pronúncia na escrita* — outro fato fartamente documentado na evolução do idioma —, pois é certo que, mesmo nas classes cultas, se observa, em muitas palavras, alguma vacilação de pronúncia entre /ê/ e /i/; /ẽ/ e /ĩ/; /ô/ e /u/; /õ/ e /ũ/ pretônicos:<sup>1</sup>

- [pedir] e [pidir]
- [mentira] e [mintira]
- [gordura] e [gurdura]
- [compadre] e [cumpadre]

Tal fato se aponta por mais freqüente quando se trate de /ẽ/ e /ĩ/, especialmente em posição inicial:

- [entender] e [intender]
- [enfermo] e [infermo]
- [emprego] e [imprego]
- [entubar] e [intubar]

Conclusão geral:

Na língua falada, o que se ouve geralmente é *intubar*, pelas razões aduzidas. Na língua escrita,

pode-se grafar de um e outro modo; porém, incontroversamente, a forma correta é ENTUBAR, assim na linguagem falada como na escrita.

L. A. S. Diego  
Rua Alfredo Chaves, 20  
22260 — Rio de Janeiro, RJ

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva, Lisboa, 1813, 2 volumes.
2. Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Candido de Figueiredo, Lisboa, 4.<sup>a</sup> edição, 1925.
3. Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa de Laudelino Freire, Rio de Janeiro, 3.<sup>a</sup> edição, 1957.
4. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete, Lisboa, editio princeps, 2 vol. s/d.
5. Novo Dicionário Aurélio de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1.<sup>a</sup> edição, 2.<sup>a</sup> impressão, s/d.
6. Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras, elaborado por Antenor Nascentes.
7. Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1943, editado pela Academia Brasileira de Letras;
8. Vocabulário Ortográfico Brasileiro de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.
9. Grande Enciclopédia Delta Larousse, Rio de Janeiro, 1970; 12 vol.
10. Novíssima Enciclopédia Delta Larousse, Rio de Janeiro, 1982; 10 vol.
11. Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Seleções, Lisboa — Rio de Janeiro — Nova Iorque, 1978; 2 vol.
12. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1981, publicado pela Academia Brasileira de Letras.
13. Dicionário de Termos Médicos de Pedro A. Pinto, 4.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, 1946.
14. Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Carlos Henrique da Rocha Lima, Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1985, 25.<sup>a</sup> edição, pág. 176.
15. Nova Gramática do Português Contemporâneo de Celso Cunha e Lindley Cintra, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985, págs. 85-86.
16. Manual de Análise de José Oiticica, Rio de Janeiro — São Paulo — Belo Horizonte, Livraria Francisco Alves, 5.<sup>a</sup> edição refundida, 1940, págs. 89-91.
17. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, realizado em Salvador de 5 a 12 de setembro de 1956, Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, 1958, págs. 279 e seguintes.